



KAMA SUTRA: SEXUALIDADE E FEMININO

Autor: Enrique José de Andrade Pereira; Orientadora: Marcia Cristina Xavier

Universidade de Pernambuco-Campus Mata Norte /enriqueandrade.1997@gmail.com

RESUMO: A obra *Kama Sutra*, de Vatsyana, do qual pouco se sabe, é trazida ao Ocidente um tanto deturpada dos seus possíveis interesses da época a qual foi escrito, sendo visto por vezes como erótico ou pornográfico, sendo esquecido o seu sentido de código de condutas, de manual. Lembrado normalmente por suas posições para práticas sexuais, do qual apenas uma parte das sete da obra trata diretamente, leva ao esquecimento do valor social, político e religioso que o mesmo têm de forma relevante a vivências e considerações dos femininos no Império *Gupta*, da Índia Antiga, que é o possível período do qual foi escrito, como as cortesãs, as mulheres que pretendem constituir casamento, as viúvas, as viúvas virgens, e as das diversas castas as quais pertenciam. Os debates sobre esta obra dentro e fora da vivência acadêmica até acontecem, contudo, poucos são os materiais de pesquisa disponíveis sobre o tema, devido à dificuldade de trabalhar com a fonte, originalmente em sânscrito, e traduzida no século XIX, por Richard Burton.

Palavras-chave: *Kama Sutra*, sexualidade, feminino.

INTRODUÇÃO

As obras literárias são um importante grupo de fontes históricas, de forma relevante nas pesquisas sobre feminino e sexualidade, buscar identificar tais formações em uma obra se mostra importante dentro dos debates atuais sobre a universalidade da compreensão das mulheres e o binarismo de identidades (masculino/feminino), dentro desta perspectiva a análise de obras literárias pode ser uma forma de compreender a realidade cultural de diversos povos. O *Kama Sutra*, ou *Aforismos sobre o amor*, de Vatsyayana, é uma obra que está inserida na literatura indiana e devido à falta de conhecimento do Ocidente a cultura hindu e a história da Índia,

até mesmo por falta de material acessível, como o historiográfico, gera uma errônea interpretação de que se trata de uma obra pornográfica, ou mesmo erótica, porém, este tratado de condutas transcende as dicotomias e códigos de conduta sexuais atuais.

O recorte temporal, possivelmente, da obra é entre os séculos I e VI da era cristã, este se dá em detrimento a constatações, apresentadas na edição inglesa de 1883, de Richard Burton, na qual o autor, Mallanaga Vatsyayana, cita um exemplo, para evidenciar o perigo do costume de bater nas mulheres, do rei de *Kuntal*, Satakarni Satavahana, que matou sua mulher com um instrumento cortante, *kartari*, impulsionado pela paixão. Este rei viveu e reinou no século I da era



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cristã, evidenciado assim que Vatsyayana foi contemporâneo ao seu reinado ou posterior a este. Uma segunda evidencia é que, possivelmente, ele foi inspirado pelo autor Virahamihira, importante escritor sobre a ciência do amor, que viveu no século VI.

Neste período, a vivência da sexualidade era fundamental e fazia parte do tripé da existência, formado pelo Kama -a sexualidade- assim como o *Dharma* -aquisição de virtudes religiosas- e o *Artha* -aquisição das riquezas- eram tidos como pontos essenciais para o equilíbrio humano e se fazem presentes durante toda obra. Já a figura feminina era vista e tinha funções de acordo com o papel social o qual ocupavam referente às castas sociais (*brahmanes*, -sacerdotes e intelectuais-, *kshátriyas*, -guerreiros e reis-, *vaishyas*, -comerciantes-, *shudras* -camponeses e trabalhadores-). No caso das jovens, eram submetidas ao representante masculino da família, devendo se casar ainda muito jovens. Estas deveriam estudar diversas artes e ciências (como o canto, a pintura e a ginástica), inclusive o Kama Sutra, para adquirirem maior respeito e a aquisição das virtudes. Contudo, nem todas as jovens tinham a possibilidade de estudar, algumas pela inferioridade social a qual ocupavam, como as serviçais e as criadas, da qual os apontamentos de tal recorte temporal apontam que a obra não era destinada, devido

ao mínimo grau de letramento, mesmo entre os nobres.

Além disto, dentro da sociedade hindu tínhamos uma importante figura feminina, no qual a obra faz varias referencias e possui uma parte especifica, as cortesãs. Eram mulheres que possuíam uma educação, por muitas vezes, superior a das mulheres destinadas ao serviço doméstico, participavam de reuniões sociais, tinham relações com os homens, ofereciam companhia e diálogos. A descrição das sexualidades na obra Kama Sutra, que expressa um período da Índia Antiga, o Império Gupta, atrelado à noção do feminino, tem diversas formas de serem compreendidas e vivenciadas, de acordo com a realidade das pessoas que o procuravam, se mostrando um código de conduta que pensa na diversidade dos corpos e de como se comportam.

A análise destes textos, divididos em sete partes, é motivo de debates acadêmicos e na sociedade, de forma geral, contudo pouco se tem de historiografia e pesquisas sobre este tema, desta forma, a pesquisa sobre esta obra deve ter um compromisso analítico, problematizando os aspectos externos, por vezes etnocêntricos, que interferem no processo observatório do texto, que deve trabalhar em consideração a cultura, religião, formação social e sua estratificação em castas.



METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos que estão sendo utilizados para a obtenção de fontes necessárias para esta pesquisa correspondem ao levantamento, análise e comparação bibliográfica, sobre os temas erotismo, feminino, pornografia, sexualidade e Kama Sutra. Mediante a dificuldade de fontes, a maior parte destes tópicos de pesquisa será realizada através de pesquisa em material audiovisual e livros dispostos virtualmente, como também de trabalhos sobre a obra, a cultura e as mulheres da Índia Antiga. O levantamento bibliográfico sobre sexualidade, erotismo e pornografia, será feito por meio de artigos, livros, publicações, que são referências ao se trabalhar com este tema, como Castello Branco, During, Saffioti.

Após o levantamento bibliográfico, estamos utilizando o método dedutivo, no que se refere à parte que está sendo analisada na obra. Estamos, após a junção de fontes sobre o tema, analisando minuciosamente as relações entre a sexualidade e feminino no Kama Sutra, observando as construções escritas do autor, a que grupo histórico cultural a obra fora destinada, de que forma ela era acessível, as inferências de outros autores na escrita de Vatsyana, além disto, não utilizamos a obra em sua versão original, em sânscrito, devido ao nosso não acesso a

língua, utilizando a primeira tradução para o ocidente, por Burton.

DISCUSSÃO

Os autores que esta pesquisa está tomando como apoio teórico são diversos. Três deles serão considerados de forma especial: Lucia Castello Branco, Jesus Antônio Doring e Marília Albanese, os dois primeiros com questões relacionadas à sexualidade, ao erotismo, e a pornografia, dos quais pretendesse fazer uma explanação para compreensão e debates da identificação da obra, já a última é referência no que diz respeito à contextualização teórica histórica da Índia Antiga. Sobre o erotismo, CASTELLO BRANCO (2004, p. 7) traz relevantes referências, uma delas se caracteriza pela não definição deste diretamente, como explicita na seguinte citação: “(...) do fenômeno erótico não cabe definições precisas e cristalinas – os domínios de Eros são nebulosos e movediços. (...)”. Sendo possível identificar neste fragmento do texto, uma linha de pensamento a qual defende que ao trazer uma definição precisa ao erotismo poderia esvaziá-lo, de seus sentidos, tendo em vista que este possui diversas formas de evidenciar-se, e que nenhum teórico tivera esta capacidade de delimitá-lo por completo.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Os debates trazidos na obra de Castello Branco vão além do erotismo, perpassam a realidade da pornografia, que é um dos pontos evidenciados no projeto, este, tal como o erotismo, é causa de extremos debates a respeito de sua conceituação. Se levar-se em conta a questão epistemológica desta palavra, irá ver-se que o prefixo *pornos* significa prostituição, já o sufixo *grafia*, escrita, sendo esta a escrita da prostituição, como também é compreendida por vezes na atualidade. Além deste questionamento, a busca pela reflexão das diferenças de pornografia e erotismo, pode auxiliar na compreensão de ambos, pois se encontram diferenciados por um a linha tênue, da qual expressar diretamente seu significado, principalmente sem uma contextualização temporal, devido aos seus significados fluidos e culturais, faz com que se corra o perigoso risco da delimitação e empobrecimento conceitual.

Ainda dentro do âmbito da sexualidade, Durigan traz relevantes questionamentos, mesmo não referenciando diretamente o tema, dentro do contexto temporal, no qual esta pesquisa comprometesse a tratar, mas sobre o texto erótico e o pornográfico, e a visão do Oriente pelo Ocidente, como podemos ver na seguinte citação (DURIGAN, 1985, p. 15): “tarefas quase impossíveis serão (...) as de provar ao

público formado pela classe média brasileira as distorções havidas e, a partir daí, questionar a importância que se conferiu aos manuais sacro-eróticos da Índia antiga (...)”.

Nesta perspectiva, tais questões, trazidas por estes autores, auxiliam na prática da problematização da visão etnocêntrica sobre a obra, e autoras como Albanese e Auboyer na tentativa de compreender construção das mentalidades da sociedade da qual a obra *Kama Sutra*, ou *Aforismos sobre o amor*, foi escrito. Nesta perspectiva, a obra *Índia Antiga*, de Albanese, conduz a contextualização da análise, para que, dentro das fragilidades, se evite uma leitura a partir das incompreensões e da conduta social ocidental atual.

Um exemplo seria a forma com que Vatsyana compreende uma viúva virgem, possivelmente se trata de uma jovem casada muito cedo com um homem muito mais velho, no qual ele veio a falecer antes de ter práticas sexuais com a esposa; uma prática comum no Império Gupta, “Vatsyana (...) acha que a viúva pode casar-se com qualquer pessoa de quem goste e que lhe pareça ser adequada.” (VATSYANA, 2012, p. 202). Como também a prática de arranhões e beliscões, compreendidas como vivência do amor, “quando o amor se torna intenso, os beliscões com a ajuda das unhas ou os arranhões do corpo são praticados (...)”.



(VATSYANA, 2012, p. 99), tal prática trazia marcas, estas eram motivos de orgulho a se exibir.

Estas realidades e vivências da sexualidade e do feminino são importantes construções sociais, trazidas dentro desta importante obra literária, reconhecida internacionalmente como um clássico, mas que ainda vive a margem, por vezes, como uma obra pornográfica, ou mesmo exclusivamente erótica.

CONCLUSÕES

Tendo em vista os aspectos apresentados, problemáticas de análise da obra estão ligadas à dificuldade de se encontrar textos que falem da mesma que se está analisando, por estar inserida em um período distante, possivelmente, entre dois mil anos a mil e quinhentos anos do tempo presente, do qual pouco se tem de historiografias acessíveis. Isto faz com que a busca de compreensão dos vestígios sejam minuciosas e feitas, em diversas vezes, a partir de deduções da fonte primária, o Kama Sutra, possibilitando, mesmo que de estratificações sociais e compreensões de feminino específicas, as quais eram o público principal, sejam mais evidenciadas, tão como a obra, o período e o local.

REFERÊNCIAS

- ALBANESE, Marília. Índia antiga. Barcelona: Folio, 2006. (Coleção Grandes Civilizações).
- AUBOYER, Janinne. A Vida Quotidiana na Índia Antiga. Rio de Janeiro: Editora Shu, 2002.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. O que é erotismo. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos, 136).
- CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. p. 107-123. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. Representações de Feminino. São Paulo: Editora Átomo, 2003. (Coleção Mulher e Vida).
- DURIGAN, Jesus Antônio. Erotismo e Literatura. São Paulo: Editora Ática, 1985. (Série Princípios).
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).
- SILVA, Carla Fernanda. O Kama Sutra e o cuidado de si. In: Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, v. 5, n. 3, p. 220-237, set./dez. 2011.
- SOUZA NETO, José Maria Gomes de. Pequeno dicionário de grandes personagens históricos / José Maria Gomes de Souza Neto, Kalina Vanderlei Silva, Karl Schurster. Rio de Janeiro, RJ : Alta Books, 2016.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

VATSYAYANA, Mallanga. Kama Sutra /
Mallanga Vatsyayana: segundo a versão
clássica de Richard Burton e F.F. Arbuthnot.
Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro:
Zahar, 2012.

VATSYAYANA, Mallanga. os Kama Sutra.
Traduzido segundo a versão clássica de
Richard Francis Burton. Tradução de Marcos
Santarrita. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

